

ISCTE IUL
Escola de Ciências Sociais e Humanas

ISCTE IUL
Instituto Universitário de Lisboa

Escola de Ciências Sociais e Humanas
Departamento de Psicologia Social e Organizacional

A Pornografia e o Processo de Desumanização de Parceiros Sexuais

Isabela Motta Figueiredo

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de
Mestre em Ciências em Emoções

Orientador:
David L. Rodrigues, Investigador Integrado,
Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE-IUL), Portugal

Outubro, 2019

ISCTE  **IUL**
Escola de Ciências Sociais e Humanas

ISCTE  **IUL**
Instituto Universitário de Lisboa

Escola de Ciências Sociais e Humanas
Departamento de Psicologia Social e Organizacional

A Pornografia e o Processo de Desumanização de Parceiros Sexuais

Isabela Motta Figueiredo

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de
Mestre em Ciências em Emoções

Orientador:
David L. Rodrigues, Investigador Integrado,
Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE-IUL), Portugal

Outubro, 2019

Resumo

O papel do consumo de pornografia em diferentes processos não é consistente, sobretudo no que toca às relações interpessoais. Se por um lado a investigação demonstrou uma associação com o desejo de estar perto do parceiro e uma melhor avaliação das próprias habilidades sexuais; por outro, demonstrou também uma associação com a discriminação, violência e objetificação de outras pessoas. No seguimento destas últimas evidências, o presente trabalho enquadrou-se na Teoria da Desumanização e teve por objetivo analisar em que medida as pessoas que consomem pornografia desumanizam seus parceiros sexuais (i.e., atribuem-lhes mais emoções primárias do que secundárias). Num estudo correlacional, 266 pessoas (78,2% mulheres; $M_{idade} = 30,79$, $DP = 8,89$) responderam a dados demográficos, se estavam ou não numa relação, se consumiam pornografia online e o quanto atribuíam emoções primárias e secundárias ao seu parceiro sexual. Os resultados demonstraram que pessoas que consomem pornografia desumanizam seus parceiros sexuais, mas apenas quando não estão numa relação. Estes resultados são relevantes pois a desumanização tem graves consequências como discriminação, violência, punições mais severas e inibição do comportamento pró-social. Saber em que contextos ela ocorre, torna possível criar estratégias para neutralizá-la.

Palavras-chave:

Pornografia, objetificação, desumanização, parceiros sexuais, emoções

Abstract

The role of pornography use in different processes is not consistent, especially regarding interpersonal relationships. If on the one hand research has shown an association with the desire to be close to the partner and a better assessment of one's sexual abilities; on the other hand, it also demonstrated an association with discrimination, violence and objectification of other people. Following these latest evidences, the present work was framed in the Dehumanization Theory and aimed to analyze the extent to which people who use pornography dehumanize their sexual partners (ie, they attribute more primary than secondary emotions to their partner). In a correlational study, 266 participants (78.2% women; $M_{Age} = 30.79$, $SD = 8.89$) responded to demographics, whether or not they were in a relationship, whether or not they used online pornography and how much they attributed primary and secondary emotions to their sexual partners. The results showed that people who consume pornography dehumanize their sexual partners but only when they are not in a romantic relationship. These results are relevant because dehumanization has severe consequences such as discrimination, violence, harsher punishments and prosocial behavior inhibition. Once we know when it happens, we have the chance to create strategies to neutralize it.

Key-words:

Pornography, objectification, dehumanization, sexual partners, emotions

Índice

I. INTRODUÇÃO.....	1
II. ENQUADRAMENTO TEÓRICO	3
Pornografia	3
Pornografia e objetificação dos outros.....	4
Relações amorosas	10
Presente estudo e hipóteses	10
III. MÉTODO	13
Participantes	13
Medidas	13
Procedimento	14
IV. RESULTADOS.....	15
Desumanização do Parceiro	15
Desumanização do Parceiro para Pessoas Sem uma Relação	15
Desumanização do Parceiro para Pessoas Monogâmicas	16
V. DISCUSSÃO	19
Limitações e estudos futuros	21
VI. CONCLUSÃO	23
VII. BIBLIOGRAFIA	25
ANEXOS.....	29
Anexo A – Consentimento Informado e Questionário	29

I. Introdução

Os resultados apresentados na literatura sobre o consumo de pornografia trazem inconsistências na sua associação à diferentes processos. Ainda que este consumo já tenha sido ligado ao aumento de sentimentos positivos em relação ao parceiro sexual (Dermer & Pyszczynski, 1978), assim como à maior vontade de estar perto do próprio parceiro (Staley & Prouse, 2012), pessoas que consomem pornografia com mais frequência também tendem a objetificar parceiros sexuais (Wright & Tokunaga, 2015).

No presente estudo temos dois objetivos gerais. Por um lado, perceber se as pessoas que vêem pornografia desumanizam parceiros sexuais de forma que lhes atribuam mais emoções primárias do que secundárias (Leyens et al., 2000). Por outro lado, pretendemos perceber se este fenômeno se diferencia consoante a existência ou não de uma relação amorosa (i.e., se as pessoas estão a considerar parceiros sexuais casuais ou o seu parceiro amoroso).

Começaremos pela apresentação do conceito de pornografia, bem como alguns dados referentes ao seu consumo, seguida pela explicação do que é a desumanização, como este fenômeno pode ser observado em diferentes formatos, suas diferentes funções e consequências práticas.

II. Enquadramento teórico

Pornografia

Apesar do crescente corpo literário sobre esta temática (e.g., Campbell & Kohut, 2017), revisões demonstram que diferentes autores utilizam diferentes conceitos deste termo. Por exemplo, Ciclitira (2002, p. 191) escreveu que “pornografia é um termo indescritível com uma gama de significados, dependente não apenas dos contextos culturais, sociais ou históricos, mas também das próprias experiências e crenças do indivíduo”. Já na revisão conduzida por Short e colegas (2012), de 44 estudos analisados, 37 não definiram o que era “pornografia” para os participantes, enquanto os outros sete apresentaram definições diferentes entre si, ora menos detalhadas, ora mais detalhadas.

Any kind of material aiming at creating or enhancing sexual feelings or thoughts in the recipient and, at the same time containing explicit exposure and/or descriptions of the genitals, and clear and explicit sexual act... Materials containing men and women posing or acting naked such as seen in ‘Playboy/Playgirl’ did not contain clear and explicit sexual acts and were to be disregarded as pornography. (Hald & Malamuth, 2008, p. 616)

A pornografia varia em termos de conteúdo (e.g., consensual, humilhante ou violenta), *media* (e.g., texto, áudio e vídeo), qualidade (e.g., alta ou baixa definição) e sua capacidade de provocar excitação sexual (Fisher et al., 2013; Byrne et al., 1974). No entanto, independentemente da definição utilizada, o termo “pornografia” é tomado pelos pesquisadores como uma palavra descritiva e não pejorativa referente a todo e qualquer conteúdo sexualmente explícito, sem atribuição moral ou avaliação estética (Smith, 1976). No que diz respeito a este trabalho, definimos pornografia como qualquer material visual com cenas sexuais explícitas (profissional ou amador) que contenha uma ou mais pessoas, todas maiores de idade.

Mais consumida por homens do que por mulheres (Campbell & Kohut, 2017), a pornografia está associada tanto a efeitos positivos (e.g., aumento da ativação sexual e da atividade sexual), como efeitos negativos (e.g., ansiedade elevada) (Staley & Prouse, 2012). Wright e Tokunaga (2015), motivados pela ausência de explicações para a associação entre pornografia e atitudes ou comportamentos que envolvam agressões sexuais (mesmo a pornografia que não contenha cenas de violência) (Fisher et al., 2013), recrutaram um total de 187 estudantes universitários heterossexuais com idades entre os 18 e 33 anos. Para além da frequência do consumo de pornografia, os participantes indicaram a sua percepção das mulheres

enquanto objetos sexuais (e.g., “Não há nada de errado em homens se interessarem por mulheres apenas se elas forem bonitas”) e as suas atitudes face à violência contra as mulheres (e.g., “Ser agredida é sexualmente estimulante para muitas mulheres”). Os resultados do estudo mostraram que a frequência de consumo de pornografia estava positivamente associada a atitudes de apoio face à violência e que esta associação foi mediada pela percepção das mulheres como objetos sexuais. Isto é, este estudo conduzido por Wright e Tokunaga (2015) com universitários identificou que quanto mais os homens são expostos à pornografia ou representações objetificadas da mulher, mais vão assumir que as mulheres devem cumprir um *script* sexual específico e paralelo àquele veiculado pela pornografia. Além disto, uma meta-análise conduzida por Hald e colegas (2010), que reuniu nove estudos não-experimentais com participantes masculinos, constatou que tais atitudes estão associadas a comportamento agressivo. Contudo, não era referido se os participantes estavam em uma relação ou não.

Pornografia e objetificação dos outros

A pornografia é criticada por tratar as mulheres de forma objetificada (Fredrickson & Roberts, 1997) e já foi relacionada a atitudes que apoiam a violência contra mulheres (Wright & Tokunaga, 2015). Por sua vez, a objetificação e a violência dirigida a outras pessoas ou grupos sociais podem ter por base a percepção destas pessoas ou grupos sociais como menos humanos (Volpato & Andrighetto, 2015). Como tal, será relevante perceber se o consumo de pornografia está também associado ao fenómeno de desumanização. Investigações anteriores apresentam evidência de que a desumanização está associada à estigmatização e violência, como por exemplo redução do comportamento prossocial (e.g., Vaes, Paladino & Leyens, 2002), punições mais duras (e.g., Viki et al., 2012) e tratamentos médicos mais dolorosos (e.g., Lammers & Stapel, 2011).

Diferentes autores teorizaram sobre a desumanização (e.g., Kelman, 1976; Staub, 1989; Bar-Tal, 1989), mas todos compartilharam a compreensão dela como um fenómeno extremo observado em situações de conflito (Haslam & Loughnan, 2014), cujas principais funções são: (1) justificar a violência entre grupos, (2) legitimar o *status quo* de um determinado grupo e (3) distanciar emocionalmente um indivíduo de um evento potencialmente estressante (Volpato & Andrighetto, 2015). Já Leyens e colegas (2000) teorizaram que, ao invés de acontecer exclusivamente entre grupos que estão em conflito, este etnocentrismo poderia ser um fenómeno generalizado, a partir da percepção de que grupos étnicos frequentemente reservam para si a noção da “essência humana” ao passo que assumem os outros como menos humanos.

Os autores descreveram a desumanização como um despercebido etnocentrismo que coloca os indivíduos do *ingroup* numa posição central e privilegiada e superior aos demais de diversas maneiras. Por comparação, indivíduos do *outgroup* são usurpados de características importantes, o que cria uma percepção implícita de que os outros são menos humanos, sem necessariamente descartá-los socialmente.

A partir da perspectiva essencialista de que grupos não são apenas um conjunto de indivíduos, mas são imbuídos de uma essência que define sua natureza e promove sua coesão, Leyens e colegas (2001) propuseram que as pessoas tendem a atribuir a essência da natureza humana, isto é, características unicamente humanas a si mesmas e seus grupos, enquanto o fazem num grau menor às outras pessoas e outros grupos. Os autores conduziram uma investigação junto a diferentes amostras de pessoas de línguas latinas, mais especificamente estudantes, e identificaram que os elementos responsáveis por caracterizar a natureza humana são: inteligência, linguagem e sentimento. A fim de estudar a desumanização, os autores focaram-se nos sentimentos.

A relevância de pontuar que as amostras eram de estudantes de línguas latinas se evidencia porque, segundo Leyens e colegas (2001), nestas línguas existe a distinção entre emoções e sentimentos, enquanto em outras línguas como o inglês isto não existe. Isto posto, os autores argumentam que as emoções são biologicamente compartilhadas com outras espécies, se manifestam no início da vida, são breves e imediatas e costumam ser resumidas a apenas seis (e.g., tristeza, alegria, surpresa, nojo, raiva e medo) (Ekman, 1992), enquanto que os sentimentos são mais complexos, tem uma duração mais longa, exigem algum nível de percepção daquilo que as causam e são exclusivos dos seres humanos (e.g., pena, admiração e desprezo) (Johnson-Laird & Oatley, 1989). Leyens e colegas (2001) esclareceram ainda que emoções e sentimentos serão denominados respectivamente como emoções primárias e emoções secundárias na literatura.

Leyens e colegas (2000) afirmaram que se tornou uma verdade incontestável que as pessoas categorizam seu ambiente social em *ingroup* e *outgroup*, havendo evidência de uma preferência sobre o *ingroup* (e.g., Perdue, Dovidio, Gurtman, & Tyler, 1990) já que tendem a desculpar mais prontamente comportamentos antinormativos de indivíduos do *ingroup* (vs. *outgroup*) (e.g., Hewstone, 1990). Em função destes resultados que apontam para o favoritismo do *ingroup*, Leyens e colegas (2001) hipotetizaram que as emoções secundárias, por serem consideradas exclusivas dos seres humanos, seriam mais facilmente atribuídas ao *ingroup* que ao *outgroup*, enquanto as emoções primárias, por serem compartilhadas com outras espécies,

não contariam com uma atribuição diferenciada entre *ingroup* e *outgroup* e serviriam como nível basal de comparação.

Em um primeiro estudo, Leyens e colegas (2001) apresentaram uma lista de quatro emoções positivas primárias (e.g., coragem e surpresa) e quatro emoções positivas secundárias (e.g., compaixão e orgulho), além de quatro traços de competência e quatro de simpatia a grupos de alto e baixo estatuto social (e.g., indivíduos de Madrid e Barcelona como alto estatuto e indivíduos das Ilhas Canárias como baixo estatuto). Os traços de competência e simpatia foram introduzidos apenas para evitar um foco exclusivamente emocional na tarefa e a amostra foi composta de 261 universitários. À metade dos universitários foi solicitado que selecionasse as palavras da lista características de um indivíduo de seu *ingroup*, enquanto à outra metade foi solicitada a seleção de palavras que caracterizassem um indivíduo típico de seu *outgroup*. Os resultados sustentaram a hipótese, uma vez que em ambos os grupos, independentemente do seu estatuto social, foram atribuídas mais emoções secundárias como características de um indivíduo *ingroup* (vs. *outgroup*). Os autores também identificaram que os participantes atribuíram mais emoções primárias aos indivíduos *outgroup* (vs. *ingroup*), no entanto, isto não era esperado. Os autores esperavam uma diferença na atribuição de emoções secundárias, que é o que diferencia os humanos dos não-humanos, mas assumiram que as emoções primárias seriam atribuídas de forma igual ao *ingroup* e ao *outgroup*, já que estas emoções são compartilhadas com outras espécies e não distinguem o ser humano em sua essência. Sem base na literatura anterior, os autores não tiraram conclusões sobre a atribuição mais alta de emoções primárias ao *outgroup* (vs. *ingroup*).

No segundo estudo, os autores trocaram os grupos de alto estatuto social utilizados no primeiro estudo por outro também de alto estatuto social. Isto é, os indivíduos de Madrid e Barcelona foram substituídos por indivíduos de Granada. Os autores também substituíram as emoções positivas utilizadas por outras primárias (e.g., prazer e paixão) e secundárias (e.g., felicidade e deleite) e acrescentaram à lista emoções de valência negativa primárias (e.g., raiva e irritação) e secundárias (e.g., melancolia e desamparo). A amostra deste estudo foi composta por 179 universitários. Mais uma vez a hipótese foi sustentada, os participantes atribuíram mais emoções secundárias positivas e negativas ao seu *ingroup* (vs. *outgroup*) independentemente de sua origem ou estatuto social, sendo que as emoções primárias foram igualmente atribuídas entre *ingroup* e *outgroup*.

A maior atribuição de emoções secundárias para o *ingroup* (vs. *outgroup*) foi confirmada por diferentes paradigmas (e.g., Leyens et al., 2001, estudo 3) e entre diferentes grupos (Demoulin et al., 2009). Contudo, uma explicação alternativa para a sua ocorrência

poderia ser a familiaridade. Sabendo que as emoções primárias foram consideradas mais visíveis que as secundárias (Demoulin et al., 2004), Cortes e colegas (2005) argumentaram que a diferença na atribuição de emoções secundárias entre *ingroup* e *outgroup* poderia ser consequência da maior familiaridade de uma pessoa com seu *ingroup* comparativamente ao seu *outgroup*. Para testar esta hipótese, Cortes e colegas (2005, estudo 1) pediram a 73 universitários de La Laguna para descreverem seu *self*, seu *ingroup* (i.e., indivíduos das Ilhas Canárias) ou um *outgroup* (i.e., espanhóis peninsulares). Porque as pessoas conhecem a si mesmas melhor do que conhecem seus grupos (Prentice, 1990), os autores esperavam que mais emoções secundárias fossem atribuídas ao *self* (que teria a maior atribuição), seguido do *ingroup* e, por último, o *outgroup* (que teria a menor atribuição). Os autores apresentaram aos participantes um questionário dizendo que se tratava de um estudo sobre as diferenças entre pessoas e grupos e requisitaram-lhes que descrevessem um alvo. Para um terço da amostra o alvo a ser descrito foi o *self*; para o segundo terço o alvo foi o *ingroup*, já para o terceiro, o *outgroup*. Os autores entregaram uma lista de 26 características aos universitários e a descrição consistia em selecionar as 12 características que melhor descrevessem o alvo em questão (e.g., *self*, *ingroup* ou *outgroup*). A lista continha três emoções secundárias positivas (e.g., felicidade e deleite), três emoções primárias positivas (e.g., alegria e prazer), três emoções secundárias negativas (e.g., melancolia e desamparo) e três emoções primárias negativas (e.g., raiva e irritação). Os demais itens da lista eram traços de competência e sociabilidade usados apenas para complementar a tarefa.

A hipótese da familiaridade não foi sustentada pelos resultados do estudo. Segundo os autores, a hipótese de familiaridade se confirmaria, apenas no caso das emoções secundárias serem atribuídas de forma decrescente na seguinte ordem: *self*, *ingroup* e *outgroup*. Contudo os participantes atribuíram mais emoções secundárias positivas e negativas ao *ingroup* que ao *outgroup*, em concordância com estudos anteriores (e.g. Leyens et al., 2001), porém a média de emoções secundárias atribuídas ao *self* ficou entre as médias do *ingroup* e do *outgroup*, sendo que a diferença entre as médias do *self* e do *ingroup* foi significativa. Quanto à atribuição das emoções primárias, uma vez que são experienciadas por todos, inclusive não-humanos, os autores esperavam que fosse feita igualmente ao *self*, ao *ingroup* e ao *outgroup*. A atribuição de emoções primárias aconteceu conforme esperado pelos autores, isto é, de forma semelhante entre *self*, *ingroup* e *outgroup*.

Além da diferença na atribuição de emoções, outra abordagem possível para explicar a desumanização é o modelo de Haslam e colegas (2005). Estes autores entendem que a noção de humanidade se estabelece pela presença de características unicamente humanas (e.g.,

autocontrole, inteligência e moralidade), responsáveis por definir a fronteira entre humanos e não-humanos e outras características que representam a essência da natureza humana (e.g., sociabilidade, emotividade e abertura cognitiva), que são compartilhadas com outras espécies mas nos diferenciam de máquinas e objetos. Segundo esta abordagem, a negação de cada um dos sentidos de humanidade possíveis resulta num diferente tipo de desumanização. Quando características, comportamentos ou traços de personalidade unicamente humanos são negadas ao outro, dá-se o nome de desumanização animalesca. Já quando negadas características, comportamentos ou traços de personalidade da natureza humana, o que ocorre é a desumanização mecanicista. (Haslam et al., 2005). A desumanização por cada uma destas duas dimensões acontece de forma independente, mas em alguns contextos pode ser concomitante (Vaes et al., 2012). Um exemplo disto é a objetificação. Quando se associa outra pessoa a um objeto que pode ser facilmente substituído, privando-a de características da natureza humana, se dá a desumanização mecanicista (Heflick & Goldenberg, 2009). Já quando mulheres sexualizadas são menos associadas à moralidade, por exemplo, sendo privadas de características unicamente humanas, acontece a desumanização animalesca (Vaes, Paladino & Puvia, 2011).

Num outro estudo mais recente realizado entre Itália, Croácia e Portugal, Rodrigues e colaboradores (2017) examinaram a desumanização de indivíduos que apresentavam comportamentos relacionais desviantes da norma. No caso deste estudo, os autores focaram-se nos conceitos de monogamia e orientação sexual. Sabendo que casais não-monogâmicos são estigmatizados em comparação a casais monogâmicos (Matsick et al., 2013) e que homens gays são vistos como mais promíscuos em comparação com homens heterossexuais (Peplau & Fingerhut, 2007), os autores hipotetizaram que casais não-monogâmicos (vs. monogâmicos) seriam desumanizados (i.e., privados de características unicamente humanas, mais especificamente emoções secundárias) e que o fenómeno ocorreria sobretudo em casais de pessoas do mesmo sexo (vs. sexo diferente). A uma amostra de 585 pessoas heterossexuais foi pedido para lerem a descrição de um casal (não-monogâmicos heterossexual; monogâmico heterossexual, não-monogâmico gay ou monogâmico gay) e indicarem em que medida as pessoas do casal experienciavam cada uma de uma lista de 12 emoções (seis emoções primárias e seis emoções secundárias). Os resultados mostraram que houve a desumanização dos casais não-monogâmicos (vs. monogâmicos), no sentido em que foram atribuídas a eles menos emoções secundárias e mais emoções primárias, comparativamente a casais monogâmicos. Este fenómeno verificou-se tanto para casais heterossexuais, como para casais gays. Este resultado pode ser interpretado como desumanização animalesca (Haslam et al., 2005).

A Teoria da Identidade Social (Tajfel & Turner, 1979) argumenta que para a identificação de um indivíduo com um grupo são necessárias duas componentes. A primeira é cognitiva, pois é exigido algum nível de percepção de associação a este grupo e a segunda é avaliativa, já que tal percepção dispõe de uma conotação de valores. Além disso, há uma terceira componente frequentemente associada às duas já citadas que é o investimento emocional feito na percepção e na avaliação. Conforme dito anteriormente, as pessoas tipicamente favorecem mais a si mesmas e seu *ingroup* do que outras pessoas e o *outgroup* (e.g., Perdue et al., 1990; Hewstone, 1990; Leyens et al., 2001). Por outro lado, quando as fronteiras do grupo ou do *self* ficam sobrepostas e menos evidentes, por exemplo com a criação de uma categoria de ordem superior que englobe ambas as pessoas ou *ingroup* e *outgroup*, a tendência é a desumanização não acontecer (Gaunt, 2009).

Gaunt (2009) argumentou que apesar de judeus e árabes serem grupos étnicos identitários opostos e conflituosos, a categoria de ordem superior israelense inclui ambos. Então, o autor hipotetizou no estudo 1 que a identificação do *outgroup* com a categoria de ordem superior apontaria uma tendência a menor desumanização. O autor entregou questionários a uma amostra de 147 estudantes judeus israelenses (101 mulheres) de idade entre 15 e 17 anos, respondidos individualmente em sessões de grupo que contavam com 20-25 pessoas. No questionário, os estudantes responderam respectivamente sobre (a) a atribuição de emoções primárias e secundárias ao *ingroup* e *outgroup*; (b) percepção de identificação do *outgroup* com a categoria de ordem superior; (c) outros potenciais moderadores (e.g., identificação com o *ingroup*, relevância, conflito e familiaridade) e (d) dados demográficos. Para a atribuição de emoções, foi utilizada uma lista com cinco emoções primárias positivas (e.g., surpresa, prazer, tranquilidade, afeição e entusiasmo), cinco emoções primárias negativas (e.g., medo, tristeza, nervosismo, pânico e dor), cinco emoções secundárias positivas (e.g., esperança, admiração, otimismo, nostalgia e presunção) e cinco emoções secundárias negativas (e.g., humilhação, culpa, desapontamento, remorso e desespero). A lista completa foi apresentada duas vezes; em uma das vezes os participantes deveriam selecionar quais emoções da lista eram consideradas típicas do *ingroup* e na outra, deveriam fazê-lo para o *outgroup*. Conforme esperado pelo autor, quando os judeus identificavam os árabes como israelenses, isto é, a fronteira entre os grupos deixava de existir graças a uma outra categoria de ordem superior, não havia desumanização (i.e., a atribuição de emoções secundárias não era menor para o *outgroup* comparativamente ao *ingroup*). Por contraste, quando a categoria de ordem superior não era reconhecida, os judeus desumanizavam os árabes (i.e., atribuíam-lhes menos emoções secundárias comparativamente ao *ingroup*) Quanto às emoções primárias, foram igualmente

distribuídas entre *ingroup* e *outgroup*, conforme esperado pelo autor. O autor verificou ainda que os outros potenciais moderadores considerados (i.e., identificação com o *ingroup*, relevância, conflito e familiaridade) não tiveram efeito na desumanização.

Relações amorosas

Slotter e Walsh (2017) constataram evidências de que quando um indivíduo entra numa relação, inevitavelmente passa por uma alteração de percepção de *self* ao assumir um novo papel na sua vida. Já Agnew e colegas (1998) escreveram que o envolvimento numa relação amorosa pode mudar um indivíduo de maneiras fundamentais, incluindo tendências em se perceber menos como *self* e mais como *self-in-relationship*, isto é, se perceber menos como indivíduo e mais como um coletivo entre si próprio e o parceiro, criando então a identidade do casal.

Segundo a Teoria dos Modelos Relacionais (Fiske, 1992) existem quatro categorias de relações. São elas: *communal sharing*, *authority ranking*, *equality matching* e *market pricing*. O primeiro modelo, *communal sharing*, que nos interessa para este trabalho, inclui as relações afetivas em que os indivíduos não são entidades separadas, pelo contrário, são equivalentes e se reconhecem como apenas um. Neste modelo encaixam-se as relações íntimas e todas aquelas em que se evidencia o que é comum entre as partes. Isto pode se dar por questões factuais, como parentes que estão ligados pelo sangue ou pela percepção de questões mais subjetivas, como crenças compartilhadas. Nestas relações, a noção de “nosso” é mais forte que a noção de “meu” e os laços se estabelecem de forma altruísta a partir do nível de compromisso entre as partes. Este tipo de relação se experiencia a partir da percepção de proximidade do outro (Seibt et al., 2017), sendo que a proximidade interpessoal já foi definida como “incluir o outro no *self*” (Aron et al., 1992; Aron, Aron, Tudor, & Nelson, 1991). Além disso, inspiradas na Teoria da Fusão de Identidades que trata sobre a relação de um indivíduo com um grupo (Fredman et al., 2015), Walsh e Neff (2018) investigaram os benefícios da fusão das identidades individuais na identidade do casal e encontraram evidências de que a fusão entre o casal está associada à preservação da relação (i.e., menor vigilância para ameaças à relação e respostas mais construtivas a situações de conflito).

Presente estudo e hipóteses

Retomando que homens que consomem pornografia com mais frequência tendem a objetificar mulheres (Wright & Tokunaga, 2015) e inspirados no estudo conduzido por Rodrigues e colegas (2017), vamos também utilizar uma lista de emoções primárias e secundárias para explorar uma eventual ocorrência de desumanização de parceiros sexuais por pessoas que consomem pornografia. Isto é, hipotetizamos que pessoas que consomem pornografia vão desumanizar seus parceiros sexuais comparativamente a quem não consome (H1), esperando que a atribuição de emoções secundárias feita ao parceiro pelas pessoas que consomem pornografia será menor do que a atribuição de emoções primárias.

As relações amorosas estão na categoria *communal sharing* da Teoria dos Modelos Relacionais, em que os vínculos se estabelecem pela noção de proximidade do outro, podendo haver unidade entre as partes (Fiske, 1992). Quando entram numa relação amorosa, as pessoas passam por uma alteração de *self* (Slotter & Walsh, 2017), tendendo a perceberem-se menos como *self* e mais como *self-in-relationship* (Agnew et al., 1998). Sabendo que, quando não há fronteiras entre si e o outro, a desumanização não ocorre (Gaunt, 2009), hipotetizamos que as pessoas que consomem pornografia e estão numa relação amorosa não vão desumanizar seus parceiros sexuais, por comparação a pessoas sem uma relação (H2). Mais concretamente, esperamos que entre as pessoas que consomem pornografia, as pessoas sem uma relação vão atribuir mais emoções primárias do que secundárias ao parceiro enquanto as pessoas monogâmicas, não.

III. Método

Participantes

Um total de 402 pessoas iniciou o questionário. Destes, foram excluídos participantes que não responderam a todas as medidas em análise ($n = 107$). Foram também excluídas pessoas que indicaram ter uma relação não-monogâmica ($n = 29$). Desta maneira, a amostra final foi composta por 266 pessoas com idades compreendidas entre os 18 e os 66 anos ($M = 30,79$; $DP = 8,89$). A maioria das pessoas indicou ser brasileira (98,1%), do sexo feminino (78,2%), heterossexual (85,3%), religiosa (71,4%), residente de área urbana (99,2%) e trabalhadora (55,3%). Deste total, 33,5% indicaram não estar em uma relação amorosa, enquanto os restantes (66,5%) indicaram estar numa relação monogâmica com uma duração média de 7,86 anos ($DP = 8,97$).

Medidas

Medidas demográficas. Pedimos aos participantes que nos informassem sobre suas idades, sexo, orientação sexual, nacionalidade, se residiam em área urbana ou rural, seus graus de escolaridade e se eram religiosos.

Situação Relacional. Foi pedido aos participantes para indicarem se estavam em uma relação amorosa. Os participantes que responderam “*Não*” foram codificados como “*Sem relação amorosa*” e os que responderam “*Sim, exclusiva*” foram codificados como “*Monogâmicos*”.

Consumo de Pornografia Online. Para verificar o consumo de pornografia online, perguntamos aos participantes se já haviam visualizado pornografia online intencionalmente (i.e., “*Não*” e “*Sim*”).

Desumanização. A fim de identificar o nível de desumanização atribuído ao parceiro sexual, utilizamos uma lista de emoções primárias e secundárias já utilizada anteriormente (Martínez et al., 2017, estudo 2). No questionário constavam 16 emoções, das quais oito eram emoções primárias positivas (alegria, diversão, tranquilidade e entusiasmo; $\alpha = .89$) e negativas (medo, tristeza, tensão e aborrecimento; $\alpha = .77$) e oito eram emoções secundárias positivas (amor, esperança, optimismo e felicidade; $\alpha = .86$) e negativas (amargura, melancolia, preocupação e pena; $\alpha = .70$), dispostas de forma aleatória. Aos participantes, perguntamos em que grau atribuía cada uma das emoções listadas ao seu parceiro sexual, numa escala de 7 pontos

entre (1) = “*Nada*” e (7) = “*Muito*”. Como a desumanização é verificada independentemente da valência das emoções (Leyens et al., 2001), criamos duas variáveis compostas: a média das emoções primárias e a média das emoções secundárias.

Procedimento

Os participantes foram convidados a responder o questionário *online* alojado na plataforma *Qualtrics*. O convite para um estudo sobre o consumo de pornografia foi compartilhado em redes sociais como *Facebook*, *Instagram* e *Whatsapp*. A prospecção foi efetuada entre amigos, conhecidos, colegas profissionais e também com o apoio de *instagrammers* de educação sexual que dispunham de dezenas de milhares de seguidores na rede social. Neste convite era incluído também o *link* para o estudo.

Ao aceder ao *link*, as pessoas foram informadas que se tratava de um estudo sobre o impacto do consumo de pornografia online nas relações amorosas, tendo como pré-requisito a idade igual ou superior a 18 anos e o domínio da língua portuguesa. Todas as pessoas foram também informadas sobre a confidencialidade e anonimato das suas respostas, bem como sobre a possibilidade de interromper sua participação a qualquer momento, sem necessidade de justificativa. Ou sem que os dados fossem considerados na amostra final, bastando para tal fechar a janela do seu *browser*.

Após darem o seu consentimento informado (i.e., clicar na opção “*Compreendo e concordo em participar*”), os participantes eram encaminhados ao questionário que se iniciava com questões demográficas. Seguidamente, eram apresentadas as questões sobre a situação relacional, o consumo de pornografia *online* e a lista de emoções primárias e secundárias. Por último, agradecemos aos participantes. O tempo médio de resposta foi de 15 minutos.

IV. Resultados

Desumanização do Parceiro

Testamos as hipóteses de que as pessoas que consomem pornografia desumanizam seus parceiros sexuais comparativamente a quem não vê (H1), enquanto pessoas que vêem pornografia e estão numa relação não desumanizam seus parceiros amorosos, por comparação a pessoas sem uma relação (H2). Para tal, calculamos uma ANOVA com o delineamento 2 (consumo de pornografia online: não vs. sim) x 2 (situação relacional: pessoas sem uma relação vs. monogâmicos) x 2 (emoções: média de emoções primárias vs. média de emoções secundárias atribuídas ao parceiro), em que as duas primeiras variáveis eram entre-sujeitos enquanto a última era intra-sujeito.

Os resultados revelaram um efeito principal das emoções, Λ de Wilks = ,94, $F(1, 262) = 16,25$, $p < ,001$, $\eta^2p = ,058$, sendo que os participantes atribuíram mais emoções primárias ($M = 3,76$, $EP = ,68$) do que emoções secundárias ($M = 3,58$, $EP = ,81$). Contrariamente ao esperado, a interação entre emoções e o consumo de pornografia não atingiu significância estatística, Λ de Wilks = ,99, $F(1, 262) = ,50$, $p = ,482$, $\eta^2p = ,002$.

Contudo, verificou-se também uma interação significativa entre as emoções e a situação relacional, Λ de Wilks = ,88, $F(1, 262) = 35,41$, $p < .001$, $\eta^2p = ,119$. A análise de contrastes revelou que as pessoas sem uma relação atribuíram mais emoções primárias ($M = 3,74$, $EP = 0,76$) do que secundárias ($M = 3,22$, $EP = 0,95$) aos seus parceiros sexuais, $t(262) = -6,02$, $p < ,001$. Pelo contrário, para os participantes numa relação não se verificaram diferenças nas emoções primárias 3,77 ($EP = 0,75$) e secundárias 3,76 ($EP = 0,66$) atribuídas ao seu parceiro, $t(262) = 1,72$, $p = ,087$. Além disso, verificou-se a esperada interação de terceira ordem entre emoções, o consumo de pornografia online e a situação relacional, Λ de Wilks = ,98, $F(1, 262) = 5,20$, $p = ,023$, $\eta^2p = ,019$.

Desumanização do Parceiro para Pessoas Sem uma Relação

Fazendo uma análise para as pessoas sem uma relação (Figura 4.1), verificou-se que os participantes que não visualizaram pornografia atribuíram mais emoções primárias ($M = 3,80$, $EP = 0,62$) do que secundárias ($M = 3,11$, $EP = 0,88$) aos seus parceiros amorosos, $t(262) = -3,75$, $p < ,001$. O mesmo padrão foi verificado para as pessoas que já visualizaram pornografia

online, ou seja, atribuíram mais emoções primárias ($M = 3,73$, $EP = 0,77$) do que secundárias ($M = 3,23$, $EP = 0,96$) aos seus parceiros sexuais, $t(262) = -6,90$, $p < ,001$.

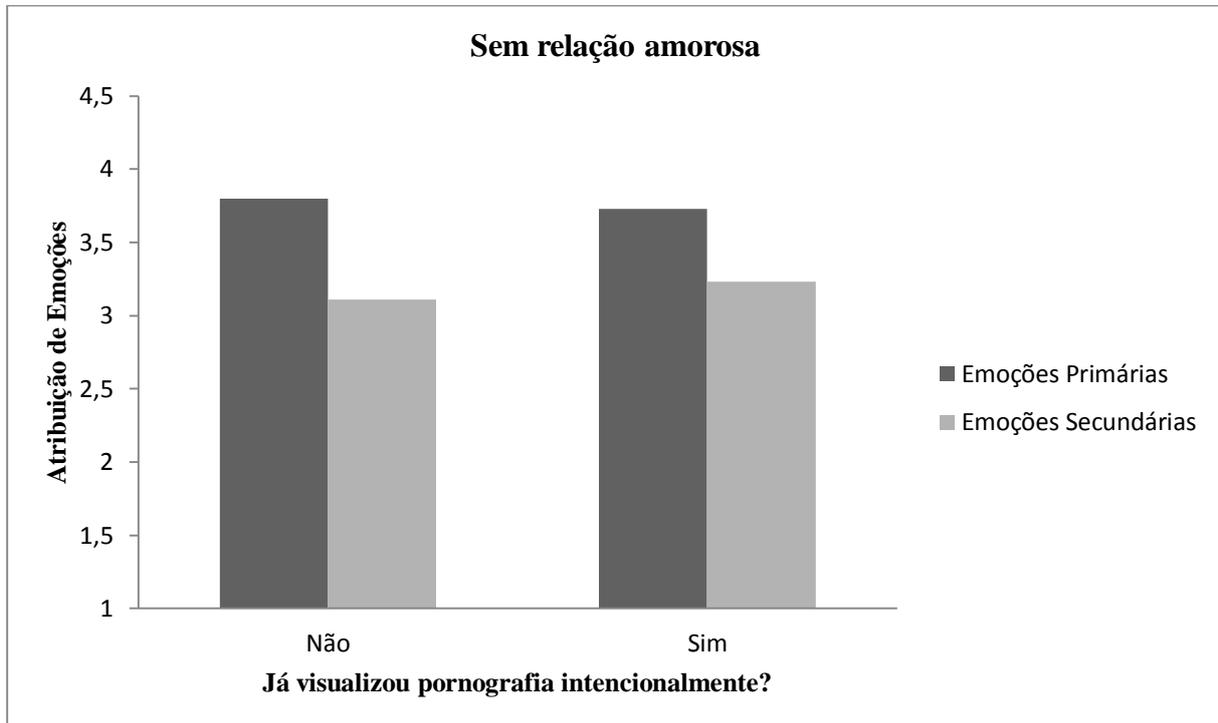


Figura. 4.1 Atribuição de emoções primárias e secundárias de acordo com o consumo de pornografia para pessoas sem relação amorosa e monogâmicas. Pessoas sem relação amorosa.

Desumanização do Parceiro para Pessoas Monogâmicas

Já na análise para as pessoas monogâmicas (Figura 4.2), verificou-se que os participantes que não visualizaram pornografia atribuíram menos emoções primárias ($M = 3,74$, $EP = 0,60$) do que secundárias ($M = 4,03$, $EP = 0,53$) aos seus parceiros amorosos, $t(262) = 2,38$, $p = ,018$. No entanto, o mesmo padrão não foi verificado para as pessoas que já visualizaram pornografia online, ou seja, fizeram atribuições semelhantes de emoções primárias ($M = 3,78$, $EP = 0,75$) e secundárias ($M = 3,72$, $EP = 0,67$) aos seus parceiros amorosos, $t(262) = -1,22$, $p = ,224$.

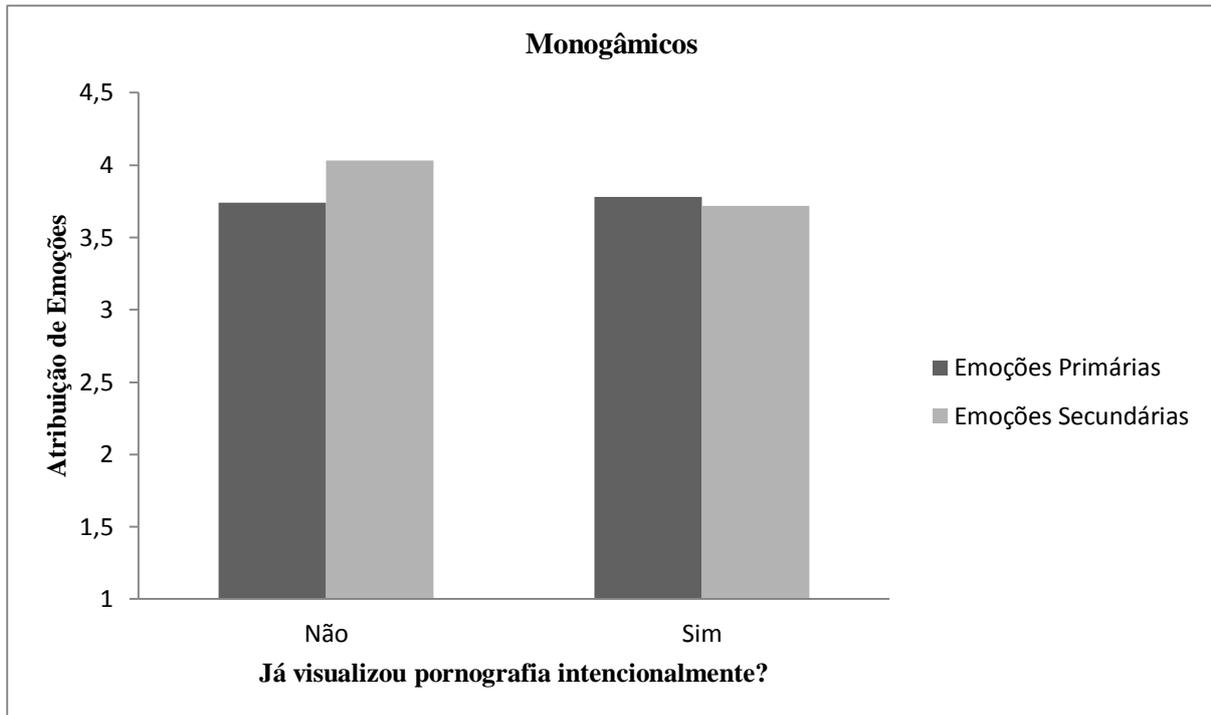


Figura 4.2. Atribuição de emoções primárias e secundárias de acordo com o consumo de pornografia para pessoas sem relação amorosa e monogâmicos. Monogâmicos.

V. Discussão

O presente trabalho teve como principal objetivo analisar se pessoas que consomem pornografia desumanizam seus parceiros sexuais, comparativamente a quem não vê, e se este fenômeno se diferencia consoante a existência ou não de uma relação amorosa. Para isso, conduzimos um estudo correlacional, considerando a desumanização pela via da privação de características unicamente humanas, mais especificamente emoções secundárias.

Apesar de a pornografia já ter sido associada ao aumento de sentimentos positivos em relação ao parceiro sexual (Dermer & Pyszczynski, 1978) e outros *outcomes* positivos (e.g., melhor avaliação das próprias habilidades sexuais; Staley & Prouse, 2012), o consumo de pornografia também já foi relacionado à menor satisfação com a aparência física do parceiro (Zillmann & Bryant, 1988) e a objetificação de parceiras sexuais (Wright & Tokunaga, 2015) através da noção de mulheres como objetos (desumanização mecanicista). Sabendo que a objetificação pode acontecer em duas dimensões diferentes, isto é, tanto pela privação de características da natureza humana (desumanização mecanicista), bem como pela privação de características unicamente humanas (desumanização animalesca) (Haslam et al., 2005, Leyens, 2000), focamos na segunda dimensão citada. Os resultados, no entanto, não mostraram diferenças significativas entre a atribuição de emoções feita por pessoas que assistiram ou não assistiram pornografia, já que não houve uma interação entre a atribuição de emoções e o consumo de pornografia, contrariamente ao que esperávamos com H1.

Por outro lado, evidências sugerem que pessoas numa relação amorosa tendem a ter uma nova percepção de si, se reconhecendo cada vez menos como *self* e mais como *self-in-relationship* (Agnew et al., 1998) e que quando não há fronteiras entre uma pessoa e a outra, a desumanização não acontece (Gaunt, 2009). Desta maneira, nós também hipotetizamos que para pessoas que consomem pornografia e estão numa relação amorosa, esta desumanização não aconteceria, em comparação a pessoas sem uma relação que consomem pornografia. Neste caso, os resultados encontrados sustentaram a hipótese (H2). Conforme previsto, dentre as pessoas que consomem pornografia, as pessoas sem uma relação atribuíram mais emoções primárias do que secundárias aos seus parceiros enquanto as monogâmicas não.

Nós observamos que entre as pessoas sem uma relação, a desumanização acontece independentemente do consumo de pornografia, porque estas pessoas atribuem sempre mais emoções primárias do que secundárias aos seus parceiros sexuais. Embora a capacidade de enxergar outros como menos humanos seja universal, a literatura traz evidências de que diferenças individuais de personalidade, crenças e atitudes podem influenciar certos indivíduos

a desumanizarem mais do que outros, como por exemplo traços de personalidade narcisista (Locke, 2009). Neste estudo não foram medidos tais traços de personalidade, quaisquer crenças ou atitudes, portanto os resultados aqui encontrados não podem ser relacionados a eles neste trabalho (Haslam & Loughnan, 2014). Porém, sugerida por Louceiro (2015), a perspectiva relacional da desumanização pode ser uma explicação para os resultados constatados. Esta perspectiva propõe que “se relacionar” é um aspecto fundamental da humanidade e que o quanto uma pessoa percebe a outra como humana vai depender da existência de algum tipo de relação entre elas (i.e., interação contínua). A autora encontrou evidências que de relações moderam a desumanização entre grupos, mesmo quando vistas como menos positivas ou colaborativas. Isto é, o simples fato de se relacionar pode reduzir a desumanização do outro, enquanto a ausência de relação por si só está associada à maior desumanização. Isto posto, o resultado encontrado neste estudo referente às pessoas sem relação é consistente com esta perspectiva, já que parceiros casuais não pressupõem uma interação contínua.

Quanto às pessoas monogâmicas que, conforme o esperado, independentemente do consumo de pornografia não desumanizam seus parceiros (i.e., não atribuem mais emoções primárias do que secundárias a eles), este efeito poderia ser consequência, além da existência da relação em si, do comprometimento entre a díade. No entanto, estudos futuros são necessários para explorar e verificar a existência desta relação, são necessários estudos futuros. A noção mais forte de “nós” dentro da díade já foi associada à maior satisfação e compromisso com a relação (Agnew et al., 1998). A fusão equilibrada das identidades individuais na identidade do casal também (Walsh e Neff, 2018). Ao passo que estudos feitos com pessoas casadas (Henderson-King & Veroff, 1994) e em relação pré-marital (Sprecher, 2002) concluíram que a satisfação sexual e a satisfação relacional estão positivamente correlacionadas, o Modelo do Investimento (Rusbult, 1980, 1983) aponta que o nível de satisfação com a relação, o nível de investimento na relação e a qualidade das alternativas são as variáveis componentes do compromisso, o que por sua vez determina a persistência na relação.

Outra maneira de abordar a não-desumanização de parceiros por pessoas monogâmicas que consomem pornografia é pela Teoria do Modelo Relacional (Fiske, 1992). Esta teoria prevê a categoria relacional *communal sharing* que abrange relações afetivas e propõe que nestas relações as partes criam uma noção de unidade em função da proximidade subjetiva entre elas. Se não há divisão entre um e outro, não há desumanização.

Como o consumo de pornografia cresceu dramaticamente com a expansão da internet em função da facilidade de acesso, o baixo custo (ou custo zero) e anonimato que ela

proporciona (Cooper, 1998) e a desumanização não é apenas uma apreciação negativa da outra pessoa, mas leva a consequências perceptíveis como a omissão de ajuda e a promoção de danos, entender se o consumo de pornografia está associado à desumanização torna-se relevante. Sendo a desumanização sabidamente nociva, entender em que contextos ela acontece é fundamental para buscar estratégias de neutralização dos seus efeitos ou a prevenção deste fenômeno.

Limitações e estudos futuros

Neste estudo observamos que a desumanização ocorre entre pessoas sem uma relação independente de consumirem pornografia ou não, mas não temos dados para inferir o porquê. Isto posto, investigações futuras poderiam tentar entender se pessoas sem uma relação são um grupo mais propenso a desumanizar, se fazem isto de forma generalizada ou apenas com parceiros sexuais e o porquê disto. Também seria relevante entender se este padrão se repete com todas as pessoas sem uma relação ou se há diferenças entre pessoas que já tiveram relações amorosas e passaram por término, comparativamente a pessoas que nunca tiveram uma relação amorosa. Se entrar ou sair de uma relação interfere na percepção que uma pessoa tem do *self* (Slotter & Walsh, 2017), pode ser que a experiência de uma relação amorosa durante a vida de uma pessoa ofereça *outputs* diferentes em relação à desumanização de parceiros sexuais.

Por outro lado, a desumanização não aconteceu entre monogâmicos, também independente do consumo de pornografia. Drigotas e colegas (1999) identificaram que o baixo nível de satisfação com a relação é frequentemente usado como justificativa para traição, o que evidencia o quanto a insatisfação prediz menor compromisso com a relação. Neste estudo, não medimos a satisfação com a relação, a percepção de proximidade existente entre as partes ou o nível de compromisso com o parceiro. Dito isto, controlar esses fatores em estudos futuros é relevante para identificar se eles influenciam de alguma forma na apreciação da humanidade do parceiro. Entender se há alguma interação entre satisfação sexual, compromisso e não-desumanização do parceiro entre pessoas monogâmicas trará maior compreensão sobre a diferença na atribuição de emoções primárias e secundárias feita por estas pessoas e as pessoas sem uma relação.

Além disto, Steinem (1980) verificou que grupos feministas chamam de “erótica” todo conteúdo sexualmente explícito em que fique constatado consentimento e equilíbrio de poder entre as partes, podendo incluir também interações sexuais afetuosas; ao passo que “pornografia” implicaria o material que não cumpre este requisito. Neste trabalho, o conceito

de pornografia utilizado não contemplou esta diferenciação. Um novo estudo controlando as diferentes categorias de pornografia, então, pode contribuir para o conhecimento sobre o tema identificando se há diferenças consoante às múltiplas categorias.

Também recomendamos que o mesmo paradigma seja replicado com amostras de diferentes perfis demográficos a fim de que se verifique se os resultados encontrados podem ser generalizados ou se eles sofrem influência destas variáveis. Apesar de neste estudo não terem sido encontradas diferenças significativas nas respostas por sexo, orientação sexual, religião, situação profissional ou idade, apenas a partir da reprodução deste paradigma com amostras diferentes é relevante ou mesmo de diferentes paradigmas que visem o mesmo objetivo é que garantimos a consistência dos resultados encontrados aqui.

VI. Conclusão

Os resultados do presente estudo sugerem que o consumo de pornografia não é diferencial na forma que as pessoas percebem a humanidade de seus parceiros sexuais. Apesar de este consumo estar relacionado a diferentes *outputs* negativos, a desumanização não é um deles já que o consumo de pornografia não implica na privação de características unicamente humanas ao parceiro, mais especificamente as emoções secundárias. Segundo os resultados encontrados, pessoas que consomem pornografia e pessoas que não consomem pornografia atribuem emoções de forma semelhante aos seus parceiros sexuais. Enquanto pessoas sem uma relação desumanizam sempre seus parceiros, pessoas monogâmicas não os desumanizam, independentemente do consumo de pornografia.

VII. Bibliografia

- Aron, A., Aron, E. N., & Smollan, D. (1992). Inclusion of Other in the Self Scale and the structure of interpersonal closeness. *Journal of Personality and Social Psychology*, *63*(4), 596-612. doi: 10.1037/0022-3514.63.4.596
- Aron, A., Aron, E. N., Tudor, M., & Nelson, G. (1991). Close relationships as including other in the self. *Journal of Personality and Social Psychology*, *60*, 241-253. doi: 10.1037/0022-3514.60.2.241
- Agnew, C. R., Van Lange, P. A. M., Rusbult, C. E., & Langston, C. A. (1998). Cognitive interdependence: Commitment and the mental representation of close relationships. *Journal of Personality and Social Psychology*, *74*(4), 939-954. doi:10.1037/0022-3514.74.4.939
- Bar-Tal, D. (1989). Delegitimization: The Extreme Case of Stereotyping and Prejudice. *Stereotyping and Prejudice*, 169-182. doi:10.1007/978-1-4612-3582-8_8
- Byrne, D., Fisher, J. D., Lamberth, J., & Mitchell, H. E. (1974). Evaluations of erotica: Facts or feelings? *Journal of Personality and Social Psychology*, *29*(1), 111-116. doi:10.1037/h0035731
- Campbell, L., & Kohut, T. (2017). The use and effects of pornography in romantic relationships. *Current Opinion in Psychology*, *13*, 6-10. doi:10.1016/j.copsyc.2016.03.004
- Ciclitira, K. (2002) Researching Pornography and Sexual Bodies. *The Psychologist*, *15*, 191-194.
- Cooper, A. (1998). Sexuality and the Internet: Surfing into the New Millennium. *CyberPsychology & Behavior*, *1*(2), 187-193. doi:10.1089/cpb.1998.1.187
- Cortes, B. P., Demoulin, S., Rodriguez, R. T., Rodriguez, A. P., & Leyens, J.-P. (2005). Infrahumanization or Familiarity? Attribution of Uniquely Human Emotions to the Self, the Ingroup, and the Outgroup. *Personality and Social Psychology Bulletin*, *31*(2), 243-253. doi:10.1177/0146167204271421
- Demoulin, S., Cortes, B. P., Viki, T. G., Rodriguez, A. P., Rodriguez, R. T., Paladino, M. P., & Leyens, J. (2009). The role of in- group identification in infra- humanization. *International Journal of Psychology*, *44*(1), 4-11. doi:10.1080/00207590802057654
- Demoulin, S., Leyens, J., Paladino, M., Rodriguez- Torres, R., Rodriguez- Perez, A., & Dovidio, J. (2004). *Dimensions of "uniquely" and "non- uniquely" human emotions. Cognition & Emotion*, *18*(1), 71-96. doi:10.1080/02699930244000444
- Dermer, M., & Pyszczynski, T. A. (1978). Effects of erotica upon men's loving and liking responses for women they love. *Journal of Personality and Social Psychology*, *36*(11), 1302-1309. doi:10.1037/0022-3514.36.11.1302
- Drigotas, S. M., Safstrom, C. A., & Gentilia, T. (1999). An investment model prediction of dating infidelity. *Journal of Personality and Social Psychology*, *77*(3), 509-524. doi:10.1037/0022-3514.77.3.509
- Ekman, P. (1992). An argument for basic emotions. *Cognition and Emotion*, *6*(3-4), 169-200. doi: 10.1080/02699939208411068
- Fisher, W. A., Kohut, T., Di Gioacchino, L. A., & Fedoroff, P. (2013). Pornography, Sex Crime, and Paraphilia. *Current Psychiatry Reports*, *15*(6). doi:10.1007/s11920-013-0362-7
- Fiske, A. P. (1992). The four elementary forms of sociality: Framework for a unified theory of social relations. *Psychological Review*, *99*, 689-723. doi.org/10.1037/0033-295X.99.4.689.
- Fredman, L. A., Buhrmester, M. D., Gomez, A., Fraser, W. T., Talaifar, S., Brannon, S. M., & Swann, W. B. (2015). Identity Fusion, Extreme Pro-Group Behavior, and the Path to Defusion. *Social and Personality Psychology Compass*, *9*(9), 468-480. doi:10.1111/spc3.12193

- Fredrickson, B. L., & Roberts, T.-A. (1997). Objectification Theory: Toward Understanding Women's Lived Experiences and Mental Health Risks. *Psychology of Women Quarterly*, 21(2), 173–206. doi:10.1111/j.1471-6402.1997.tb00108.x
- Gaunt, R. (2009). Superordinate Categorization as a Moderator of Mutual Infrhumanization. *Group Processes & Intergroup Relations*, 12(6), 731–746. doi:10.1177/1368430209343297
- Hald, G. M., & Malamuth, N. M. (2008). Self-Perceived Effects of Pornography Consumption. *Archives of Sexual Behavior*, 37(4), 614–625. doi:10.1007/s10508-007-9212-1
- Hald, G. M., Malamuth, N. M., & Yuen, C. (2010). Pornography and attitudes supporting violence against women: revisiting the relationship in nonexperimental studies. *Aggressive Behavior*, 36(1), 14–20. doi:10.1002/ab.20328
- Haslam, N., & Loughnan, S. (2014). Dehumanization and Infrhumanization. *Annual Review of Psychology*, 65(1), 399–423. doi:10.1146/annurev-psych-010213-115045
- Haslam, N., Bain, P., Douge, L., Lee, M., & Bastian, B. (2005). More human than you: Attributing humanness to self and others. *Journal of Personality and Social Psychology*, 89(6), 937–950. doi:10.1037/0022-3514.89.6.937
- Heflick, N. A., & Goldenberg, J. L. (2009). Objectifying Sarah Palin: Evidence that objectification causes women to be perceived as less competent and less fully human. *Journal of Experimental Social Psychology*, 45(3), 598–601. doi:10.1016/j.jesp.2009.02.008
- Henderson-King, D. H., & Veroff, J. (1994). Sexual Satisfaction and Marital Well-Being in the First Years of Marriage. *Journal of Social and Personal Relationships*, 11(4), 509–534. doi:10.1177/0265407594114002
- Hewstone, M. (1990). The “ultimate attribution error”? A review of the literature on intergroup causal attribution. *European Journal of Social Psychology*, 20(4), 311–335. doi:10.1002/ejsp.2420200404
- Johnson-laird, P. N., & Oatley, K. (1989). The language of emotions: An analysis of a semantic field. *Cognition & Emotion*, 3(2), 81–123. doi:10.1080/02699938908408075
- Kelman HC. Violence without moral restraint: Reflections on the dehumanization of victims and victimizers. *Journal of Social Issues*. 1973;29 (4) :25-61.
- Lammers, J., & Stapel, D. A. (2010). Power increases dehumanization. *Group Processes & Intergroup Relations*, 14(1), 113–126. doi:10.1177/1368430210370042
- Leyens, J-Ph., Paladino, M. P., Rodriguez-Torres, R., Vaes, J., Demoulin, S., Rodriguez-Perez, A., et al. (2000). The emotional side of prejudice: The attribution of secondary emotions to ingroups and outgroups. *Personality and Social Psychology Review*, 4, 186–197. doi: 10.1207/S15327957PSPR0402_06
- Leyens, J-Ph., Rodriguez-Perez, A., Rodriguez-Torres, R., Gaunt, R., Paladino, M. P., Vaes, J., et al. (2001). Psychological essentialism and the differential attribution of uniquely human emotions to ingroups and outgroups. *European Journal of Social Psychology*, 31, 395–411. doi: 10.1002/ejsp.50
- Locke, K. D. (2009). Aggression, narcissism, self-esteem, and the attribution of desirable and humanizing traits to self versus others. *Journal of Research in Personality*, 43(1), 99–102. doi:10.1016/j.jrp.2008.10.003
- Louceiro, A. F. de S. (2015). Dehumanization revisited: The Humanization of ingroup and outgroup members depends on the perception of social relatedness. Lisboa: ISCTE-IUL. Tese de doutoramento. Disponível em [www: < http://hdl.handle.net/10071/11951 >](http://hdl.handle.net/10071/11951)
- Martínez, R., Rodriguez-Bailon, R., Moya, M., & Vaes, J. (2016). How do different humanness measures relate? Confronting the attribution of secondary emotions, human uniqueness, and human nature traits. *The Journal of Social Psychology*, 157(2), 165–180. doi:10.1080/00224545.2016.1192097

- Matsick, J. L., Conley, T. D., Ziegler, A., Moors, A. C., & Rubin, J. D. (2013). Love and sex: polyamorous relationships are perceived more favourably than swinging and open relationships. *Psychology & Sexuality*, 5(4), 339–348. doi:10.1080/19419899.2013.832934
- Paladino, M. P., Leyens, J. P., Rodriguez, R., Rodriguez, A., Gaunt, R. & Demoulin, S. (2002). Differential association of uniquely and non-uniquely human emotions with the ingroup and the outgroup. *Group Processes & Intergroup Relations*, 5, 105–117. doi:10.1177/1368430202005002539.
- Peplau, L. A., & Fingerhut, A. W. (2007). The Close Relationships of Lesbians and Gay Men. *Annual Review of Psychology*, 58(1), 405–424. doi:10.1146/annurev.psych.58.110405.08
- Perdue, C. W., Dovidio, J. F., Gurtman, M. B., & Tyler, R. B. (1990). Us and them: Social categorization and the process of intergroup bias. *Journal of Personality and Social Psychology*, 59(3), 475–486. doi:10.1037/0022-3514.59.3.475
- Prentice, D. A. (1990). Familiarity and differences in self- and other-representations. *Journal of Personality and Social Psychology*, 59(3), 369–383. doi: 10.1037/0022-3514.59.3.369
- Rodrigues, D., Fasoli, F., Huic, A., & Lopes, D. (2017). Which Partners Are More Human? Monogamy Matters More than Sexual Orientation for Dehumanization in Three European Countries. *Sexuality Research and Social Policy*. doi:10.1007/s13178-017-0290-0
- Rusbult, C. E. (1980). Commitment and satisfaction in romantic associations: A test of the investment model. *Journal of Experimental Social Psychology*, 16(2), 172–186. doi:10.1016/0022-1031(80)90007-4
- Rusbult, C. E. (1983). A longitudinal test of the investment model: The development (and deterioration) of satisfaction and commitment in heterosexual involvements. *Journal of Personality and Social Psychology*, 45(1), 101–117. doi:10.1037/0022-3514.45.1.101
- Short, M. B., Black, L., Smith, A. H., Wetterneck, C. T., & Wells, D. E. (2012). A Review of Internet Pornography Use Research: Methodology and Content from the Past 10 Years. *Cyberpsychology, Behavior, and Social Networking*, 15(1), 13–23. doi:10.1089/cyber.2010.0477
- Slotter, E. B., & Walsh, C. M. (2017). All role transitions are not experienced equally: Associations among self-change, emotional reactions, and self-concept clarity. *Self and Identity*, 16(5), 531–556. doi:10.1080/15298868.2017.1280528
- Smith, D. D. (1976). The Social Content of Pornography. *Journal of Communication*, 26(1), 16–24. doi:10.1111/j.1460-2466.1976.tb01351.x
- Seibt, B., Schubert, T. W., Zickfeld, J. H., & Fiske, A. P. (2017). Interpersonal closeness and morality predict feelings of being moved. *Emotion*, 17(3), 389–394. doi:10.1037/emo0000271
- Sprecher, S. (2002). Sexual satisfaction in premarital relationships: Associations with satisfaction, love, commitment, and stability. *Journal of Sex Research*, 39(3), 190–196. doi:10.1080/00224490209552141
- Staley, C., & Prause, N. (2012). Erotica Viewing Effects on Intimate Relationships and Self/Partner Evaluations. *Archives of Sexual Behavior*, 42(4), 615–624. doi:10.1007/s10508-012-0034-4
- Staub, E. (1989). The roots of evil: The origins of genocide and other group violence. New York, NY, US: Cambridge University Press.
- Steinem, G. (1980). Erotica and pornography: A clear and present difference. In L. Lederer (Ed.). *Take back the night: Women on pornography* 35–39. New York: Morrow.
- Tajfel, H., & Turner, J. C. (1979). An Integrative Theory of Intergroup Conflict. In W. G. Austin, & S. Worchel (Eds.), *The Social Psychology of Intergroup Relations* 33–47. Monterey, CA: Brooks/Cole.

- Vaes, J., Leyens, J.-P., Paola Paladino, M., & Pires Miranda, M. (2012). We are human, they are not: Driving forces behind outgroup dehumanization and the humanization of the ingroup. *European Review of Social Psychology*, 23(1), 64–106. doi:10.1080/10463283.2012.665250
- Vaes, J., Paladino, M. P., & Leyens, J-Ph. (2002). The lost e-mail: Prosocial reactions induced by uniquely human emotions. *British Journal of Social Psychology*, 41, 521–534. doi: 10.1348/014466602321149867
- Vaes, J., Paladino, P., & Puvia, E. (2011). Are sexualized women complete human beings? Why men and women dehumanize sexually objectified women. *European Journal of Social Psychology*, 41(6), 774–785. doi:10.1002/ejsp.824
- Viki, G. T., Fullerton, I., Raggett, H., Tait, F., & Wiltshire, S. (2012). The Role of Dehumanization in Attitudes Toward the Social Exclusion and Rehabilitation of Sex Offenders. *Journal of Applied Social Psychology*, 42(10), 2349–2367. doi:10.1111/j.1559-1816.2012.00944.x
- Volpato, C., & Andrighetto, L. (2015). Dehumanization. *International Encyclopedia of the Social & Behavioral Sciences*, 31–37. doi:10.1016/b978-0-08-097086-8.24035-x
- Walsh, C. M., & Neff, L. A. (2018). We're better when we blend: The benefits of couple identity fusion. *Self and Identity*, 17(5), 587–603. doi:10.1080/15298868.2018.1430062
- Wright, P. J., & Tokunaga, R. S. (2015). Men's Objectifying Media Consumption, Objectification of Women, and Attitudes Supportive of Violence Against Women. *Archives of Sexual Behavior*, 45(4), 955–964. doi:10.1007/s10508-015-0644-8
- Zillmann, D., & Bryant, J. (1988). Pornography's Impact on Sexual Satisfaction1. *Journal of Applied Social Psychology*, 18(5), 438–453. doi:10.1111/j.1559-1816.1988.tb00027.x

Anexos

Anexo A – Consentimento Informado e Questionário

Gostaríamos de começar por agradecer a sua participação num estudo de pesquisadores do ISCTE-IUL/CIS-IUL em colaboração com colegas das Universidades de Sussex e da UNESCO Child and Family Research Centre.

Estamos interessados em perceber hábitos de visualização de material pornográfico na internet. Por favor responda ao questionário seguinte sozinho/a, sem a presença de outras pessoas. A resposta a este questionário tem uma duração aproximada de 15 minutos.

Ao responder na totalidade ao questionário, poderá entrar no sorteio de dois cartões Dá (Grupo Sonae) no valor de 50€ cada. Instruções detalhadas serão dadas no final do questionário. Em concordância com a Comissão Nacional de Proteção de Dados e com as diretrizes do Comité de Ética do ISCTE-IUL, as suas respostas são totalmente confidenciais e os dados serão tratados em conjunto, ou seja, nenhuma análise será realizada tomando como base um participante individual desta pesquisa. Garantimos assim o total anonimato durante recolha dos dados. Caso não concorde com algum aspecto do questionário e decida terminar a sua participação, basta fechar a janela do browser e as suas respostas não serão registradas. Leia atentamente todas as questões que lhe colocamos e que procure responder de forma honesta às mesmas, não deixando nenhuma questão por responder. Não existem respostas certas nem erradas às questões aqui colocadas. Procuramos saber qual a sua opinião sobre cada uma delas. Antes de iniciar, confirme a seguinte informação:

1. Estou ciente de que a minha participação é voluntária e posso interromper a qualquer momento, simplesmente fechando a página
2. As minhas respostas serão anónimas e ninguém poderá aceder à minha identidade
3. As minhas respostas serão utilizadas exclusivamente para pesquisa e acessadas apenas pelos pesquisadores envolvidos no projecto
4. Sou maior de idade

Compreendo e concordo em participar (1)

Não concordo em participar (2)

Antes de iniciar, por favor indique:

Qual a sua idade?

Pornografia e Desumanização

Qual o seu sexo?

- Feminino (1)
- Masculino (2)
- Transsexual (3)

Qual a sua orientação sexual?

- Heterossexual (1)
- Bissexual (2)
- Homossexual (3)
- Outra. Especifique: (4) _____

Qual a sua nacionalidade?

Qual a sua área habitual de residência?

- Área urbana (1)
- Área rural (2)

Grau de escolaridade (último grau completado ou que frequenta actualmente):

- Até Ensino Médio (1)
- Ensino Superior (2)
- Pós-graduação, Mestrado ou Doutorado (3)

Qual a sua situação profissional?

- Trabalhador/a (1)
- Trabalhador/a-Estudante (2)
- Estudante (3)
- Desempregado/a (4)
- Aposentado/a (5)

Tem religião?

- Não (1)
 - Católica (2)
 - Cristã não católica (3)
 - Outra. Por favor especifique (4)
-

Tem uma relação amorosa?

- Não (1)
- Sim, exclusiva (NENHUM DOS DOIS pode ter sexo ou relações amorosas com outras pessoas). (2)
- Sim, não exclusiva sexualmente (CADA UM APENAS pode ter sexo com outras pessoas, MAS NÃO relações amorosas com essas pessoas – uma relação aberta). (3)
- Sim, não exclusiva (CADA UM pode ter sexo e relações amorosas com outras pessoas – uma relação poliamor). (4)

Qual a duração da sua relação amorosa ? Por favor, especifique quantos anos e quantos meses (se não tiver, escreva "N/A")

Pornografia e Desumanização

Estamos interessados em perceber hábitos de visualização de vídeos pornográficos (pagos ou não) através de qualquer aparelho eletrônico (e.g., computador, tablet, smartphone). Por vídeos pornográficos nos referimos a material visual com cenas sexuais explícitas (profissional ou amador) que contenha uma ou mais pessoas, todas maiores de idade

Já visualizou pornografia online intencionalmente?

Não (1)

Sim (2)

Em que medida atribui cada uma das emoções que se seguem à pessoa com quem habitualmente faz sexo (se não tem um parceiro/a habitual, pense no último com quem fez sexo)?

Pornografia e Desumanização

	Nada 1 (1)	2 (2)	3 (3)	4 (4)	5 (5)	6 (6)	Muito 7 (7)
Alegria (1)	<input type="radio"/>						
Diversão (2)	<input type="radio"/>						
Tranquilidade (3)	<input type="radio"/>						
Entusiasmo (4)	<input type="radio"/>						
Medo (5)	<input type="radio"/>						
Tristeza (6)	<input type="radio"/>						
Tensão (7)	<input type="radio"/>						
Aborrecimento (8)	<input type="radio"/>						
Amor (9)	<input type="radio"/>						
Esperança (10)	<input type="radio"/>						
Otimismo (11)	<input type="radio"/>						
Felicidade (12)	<input type="radio"/>						
Amargura (13)	<input type="radio"/>						
Melancolia (14)	<input type="radio"/>						
Preocupação (15)	<input type="radio"/>						

Pena (16)



Para entrar no sorteio de dois Cartões Dá (Grupo Sonae) no valor de 50€ cada, por favor deixe o seu email para podermos entrar em contato com você caso seja um/a dos/as vencedores/as. Mais uma vez reforçamos que o seu email não ficará associado às suas respostas, garantindo o seu anonimato.
